

®BuscaLegis.ccj.ufsc.br

REVISTA N.º 25

Dezembro de 1992 - p. 1-4

Entrevista com José Paulo Bisol

Impeachment e criatividade política

Paulo Bisol é um dos grandes Senadores da República. Sua dignidade e senso de justiça evocam imediatamente a figura do recentemente desaparecido Ulisses Guimarães. Sem dúvida o Senador Bisol será um dos parlamentares que preservará as bandeiras e o legado do Senhor das Diretas.

Bisol é um Senador acima de qualquer suspeita, sem compromissos nem cumplicidades parlamentares. Representou a voz da ética e da legalidade na constituinte e na CPI contra a corrupção que culminou com o impeachment do Presidente Collor.

Para a juventude que encontrou no Collorgate um novo sentido para a participação política, Bisol simbolizou o valor da reintrodução da ética na vida política.

Bisol além de político foi desembargador no Rio Grande do Sul, é inesquecível professor de Filosofia do Direito. Escritor, de excelente pena, faz da poesia um ato de afirmação da vida.

Sequência quis oferecer uma pequena homenagem a este grande homem público, escolhendo-o para inaugurar a seção ENTREVISTAS. Uma seção que estará destinada a recolher a opinião de figuras que façam de sua atividade uma lição de vida. Com este objetivo fomos a Brasília e tivemos o prazer de compartilhar com o Senador Bisol, numa ensolarada tarde de sábado, uma vibrante conversa sobre filosofia, estética e os acontecimentos políticos que comovem o país; enfim sobre a vida e sua potência criativa. No que segue tentaremos reconstruir alguns de seus sempre marcantes pontos de vista.

Propus ao senador Bisol que falasse do impeachment, explorando um pouco suas consequências éticas, jurídicas e estéticas, deixando de lado seus efeitos na estrutura corrupta e corruptora do Estado.

Nesta direção, Bisol qualificou a movimentação da cidadania como um salto cultural de incalculáveis consequências, um salto na cultura política (que é a cultura em si mesma) dado principalmente por uma juventude que começa a capacitar-se para sentir os verdadeiros valores, sem deixar-se conduzir por desvios retóricos, que sempre foram os grandes truques do capitalismo. Um movimento exemplar, no sentido de uma humanidade que não encontrou ainda a sua solução no socialismo, mas que está disposta a estigmatizar e acabar com os vícios e corrupções do sistema capitalista.

Assim, uma coisa que parecia comum, como uma CPI cotidiana, se transformou numa **investigação da realidade nacional, da realidade dos nossos sentimentos, da realidade da nossa consciência política**, do que nós sentimos enquanto caçadores da liberdade perdida. E isto, para Bisol foi definitivo, para **que aquilo que era cotidiano passasse a ser histórico**.

Desde a queda do muro de Berlim as pessoas estão inquietas, não querem viver fora de uma determinada ordem, sem alguns princípios que se legitimem... a história de que morreu a história, de que morreu a ideologia, a

superação do mundo científico e a eficácia tecnológica, nos acarreta uma certa infelicidade. A sociedade se encontra numa infelicidade larvar, esperando sua oportunidade. E de repente, encontra uma possibilidade para os seus sentimentos éticos e estéticos, uma forma de reivindicar a possibilidade de ser razoavelmente feliz. Uma juventude, e uma adolescência, que sai à rua, toma conta das praças, para expressar sua convicção na própria capacidade criativa de um mundo novo. Os jovens começando a sentir intuitivamente **que criar a vida é criá-la politicamente**.

De fato, para Bisol, a classe política não se encontra à altura deste movimento. "A gente - diz ele - faz um movimento desses com as pessoas que existem, com as idéias predominantes e com o tipo de lideranças que se tem. Lamentavelmente as lideranças políticas, que realizaram o processo em última análise, não tem a mesma capacidade de criar o novo, elas distinguem tolamente entre criar a vida e criar o político, como se a política fosse uma dimensão isolada. Nós, os políticos, não estamos à altura do momento (e isso parece sensível na formação do novo governo)". Apesar disso, Bisol tem o sentimento, a convicção de que a sociedade (a sua juventude) vai ser mais forte do que o vício lúdico das velhas lideranças políticas do país.

Com respeito ao direito, o movimento pró-impeachment tem - para Bisol - um sentido e até um efeito mais profundo do que se possa pensar e que só poderá ser avaliado daqui a algum tempo. Porque quando o brasileiro diz "eu quero que se aplique a Constituição", ele está, imediatamente relacionando em sua demanda ao fato de que, em 88 criamos uma nova Constituição fundamentalmente inspirada nos direitos do homem; os cientistas dizem que a Constituição de 88 é impraticável, e quando o jovem brasileiro fala em Constituição, fala na verdadeira Constituição, ou seja, nas funções concretas que estão no povo, não nas regras concretas (e não é que eu menospreze elas, me diz Bisol, já que ajudei a criá-las como constituinte). Afirma, assim (o jovem brasileiro) a idéia de que a Constituição, o Estado de direito está na grande correlação de forças de um país. No fundo reivindicam uma Constituição ainda melhor: a que eles mesmos estão fazendo, elaborando coletivamente o direito, um direito que deixa de ser um fenômeno elaborado pelas elites e passa a ser criado na sociedade como um todo.

Numa conversa com o senador Bisol não poderia faltar uma referência à filosofia e à estética. Bisol sempre foi um filósofo do direito que se negou a permanecer no incomensurável isolamento dos claustros universitários. Tentou sempre dizer sim à vida (título do seu antigo programa de rádio) juntando a filosofia com a poesia e ajudando às pessoas simples do Rio Grande do Sul a preservar as suas próprias condições de existência cotidiana.

No passado - me diz Bisol - o filósofo se diferenciou por pensar. Ele pensava e os outros viviam. Para o senador, isto está se modificando: não adianta méia dúzia de pessoas que pensando e a maioria não poder alcançar esse nível de consciência crítica. Chega de filosofia universitária, separatista, consagradora, elitista. A filosofia tem que passar a ser uma vocação natural de uma nacionalidade, temos que começar a pensar por nós mesmos a própria vida, nossas relações com os outros, nossos problemas e nossas vocações de uma forma comunitária.

O que eu acho da filosofia, me afirma Bisol, é que ela sempre foi uma forma de determinadas pessoas se destacarem pela organização do seu pensamento. E agora a filosofia é mais uma forma de conviver com a população toda, levando-a a pensar; e a população provocando-nos a pensar coisas que normalmente não pensaríamos

Bisol não nega que precisamos partir para o progresso, que é preciso apostar na razão. Porém, do ponto de vista das pessoas que estão no mundo, o que resulta essencial é que elas querem estar bem, não sentir-se mal. Neste sentido, comenta o senador da ética, a luta pela justiça e pela estética é mais importante que o progresso

da ciência e a luta pela verdade. Para as pessoas, o mais importante é que as coisas sejam justas, e que sejam bonitas. E a filosofia tem que ajudar a pensar para fazer justiça, equilibrar as relações sociais, mostrar a importância de relacionar-se para podermos nós (e os outros) dançar, cantar, pintar, tocar um instrumento, ou simplesmente fazer bem feitas as coisas dentro do cotidiano. Fundamentalmente, que nos ajude a obter relações bonitas, justas, alegres com o outro. Não um outro individual, mas um outro pensado como coletivo: nosso vínculo da afetividade, de alegria com o outro como coletivo. Seria, comento-lhe, a filosofia, como uma forma de cuidar do outro como coletivo. Bisol concorda e acrescenta : do ponto de vista das pessoas que estão no mundo, o que é fundamental é que nós queremos fazer as coisas eticamente certas, isso nos dá felicidade; mas também é verdade que nós nos sentimos muito mal quando não conseguimos um mínimo de beleza. Nossa vocação, enquanto humanos é uma vocação simultaneamente ética e estética. Assim, para nós, torna-se muito mais importante - que a luta pela ciência - a luta pela beleza e pela justiça: o que nos queremos é que o que nos cabe a cada um, caiba ao outro.

Beleza e justiça, duas condições para começar a experimentar a felicidade, pois no fundo, é para isso que estamos no mundo.

L.A.W